

## A EDUCAÇÃO SUPERIOR COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO E MOBILIDADE SOCIAL

### *HIGHER EDUCATION AS AN INSTRUMENT OF EMANCIPATION AND SOCIAL MOBILITY*

Milena Moreira Montalvão<sup>1</sup>  
*Colégio Veritas*

Erasmus Baltazar Valadão<sup>2</sup>  
*Universidade Federal do Tocantins*

Erlando da Silva Rêses<sup>3</sup>  
*Universidade de Brasília*

### RESUMO

O presente relato de experiência almeja apresentar a educação enquanto aporte para a construção da consciência crítica, desenvolvimento do protagonismo e emancipação das classes empobrecidas e marginalizadas frente à sociedade elitista e hegemônica. O trabalho evidencia as contribuições da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e dos profissionais que nela trabalham. Além disso, aborda a minha preparação para o mundo do trabalho, a qual potencializou a minha tomada de consciência frente às desigualdades e injustiças sociais que cercam o município de Arraias-TO, localizada no sudeste tocantinense e nordeste goiano. Tal experiência também contribuiu para a minha emancipação enquanto sujeito que sempre esteve inserido em meio aos ditames da burguesia local. Este relato de experiência é permeado por discussões embasadas em um referencial teórico que traz nomes como Erasmo Baltazar Valadão e Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (2018); Magda Suely Pereira Costa (2008); Sílvia Adriane Tavares de Moura (2021) e Maria da Glória Gohn (2011), entre outros, os quais permitiram uma abordagem do contexto sócio histórico cultural da região, onde se mantém vivo o modelo de sociedade caracterizado pelas relações de poder que cercam o município e seus arredores há anos.

**Palavras-chave:** Família; Arraias; Educação; Universidade; Emancipação.

### ABSTRACT

critical consciousness, development of protagonism and emancipation of the impoverished and marginalized classes in the face of elitist and hegemonic society. The work highlights the contributions of the Federal University of Tocantins (UFT) and the professionals who work there. In addition, it addresses my preparation for the world of work, which enhanced my awareness of the inequalities and social injustices that surround the municipality of Arraias-TO, located in the southeast of Tocantins and northeast of Goiás. This experience also contributed to my emancipation as a subject who has always been inserted amidst the dictates of the local bourgeoisie. This experience report is permeated by discussions based on a theoretical framework that includes names such as

<sup>1</sup> Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Campus de Arraias, Tocantins. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9185-9563> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2414113710739597>. E-mail: [milena.moreira@mail.uft.edu.br](mailto:milena.moreira@mail.uft.edu.br).

<sup>2</sup> Doutor pela Universidade de Brasília (UnB). Professor adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Campus de Arraias, Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2635832123456273>. E-mail: [erasmovalado@mail.uft.edu.br](mailto:erasmovalado@mail.uft.edu.br).

<sup>3</sup> Doutor pela Universidade de Brasília (UnB). Professor adjunto da Faculdade de Educação (UnB). Campus de Brasília, Distrito Federal. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8519891607184656>.

Erasmo Baltazar Valadão and Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (2018); Magda Suely Pereira Costa (2008); Sílvia Adriane Tavares de Moura (2021) and Maria da Glória Gohn (2011), among others, which allowed an approach to the socio-historical and cultural context of the region, where the model of society characterized by the power relations that have surrounded the municipality and its surroundings for years has remained alive.

**Keywords:** Family; Arraias; Education; University; Emancipation.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta-se como relato de experiência que exprime as contribuições do Ensino Superior na minha formação, considerando não somente a preparação para o mercado de trabalho como também o exercício da cidadania, a formação crítica e o protagonismo frente à comunidade local. Nesta perspectiva, a universidade ocupou-se de minhas formações política, social e cidadã, campos que são compreendidos aqui como imprescindíveis para uma ação crítica frente às injustiças sociais e a tomada de consciência acerca das relações de poder em que os grupos fragilizados historicamente encontram-se imersos.

Em uma região marcada por relações de poder conflituosas, escravidão, pobreza, desemprego, analfabetismo e extensa influência política e econômica da elite sobre as instituições públicas, tal como é marcada a população do sudeste tocantinense e nordeste goiano, faz-se necessário (re)pensar as interferências e os aportes que a Universidade Federal do Tocantins (UFT) apresenta, especialmente no que concerne à reconfiguração do modelo de sociedade no qual a comunidade arraiana está historicamente inserida, em favor de uma sociedade mais justa e igualitária.

Neste estudo são apresentados recortes dos contextos sócio-histórico e cultural local, os quais condenaram minha família e tantas outras a uma realidade de embrutecimento, dominação e pobreza, de onde dificilmente se libertariam se não fosse por meio de uma educação problematizadora. Esta oportunidade somente se deu para mim a partir de minha formação superior, por meio de profissionais que se propõem a promover transformações qualitativas na comunidade local, formando jovens e adultos protagonistas comprometidos com a sua comunidade e com a libertação do seu povo.

Em meio às relações hierárquicas e ao domínio da elite local, a Educação Básica se mostrou por vezes excludente e mantenedora do modelo de sociedade vigente, em que os filhos das famílias comuns e pobres são condicionados a ofertar sua mão de obra barata aos fazendeiros. Neste contexto, a presença de uma universidade federal nesta localidade surgiu como instrumento de luta contra-hegemônica, uma vez que possibilitou o acesso da população negra e pobre ao Ensino Superior, assim potencializando as comunidades locais na busca pela superação e pelo rompimento das estruturas de poder.

## **MEMORIAL COMO OPORTUNIDADE DE AFIRMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

Meu nome é Milena Moreira Montalvão, tenho vinte e cinco anos, nasci na zona rural no município de Arraias – TO, na fazenda Água Boa. Filha da senhora Edith Piedade dos Santos e do senhor Nivardo Rodrigues Montalvão, uma mulher negra e um homem branco, analfabetos e lavradores que, desde a infância, trabalham para famílias que integram a elite arraiana.

Meus pais tiveram doze filhos, mas perderam a primogênita logo após o seu nascimento, em razão de uma doença outrora popularmente conhecida como “mal de sete dias”<sup>4</sup>. O nascimento de todos os filhos aconteceu na zona rural, em casa, apenas com a assistência de parteiras, ou seja, sem nenhum amparo médico. O sustento familiar sempre adveio de plantações, do trabalho braçal e do cuidado do rebanho dos fazendeiros locais, dos quais recebiam em troca somente a chamada “sorte”, uma forma de remuneração muito presente nas fazendas do município, na qual os vaqueiros recebem, pelo trabalho realizado em todo o ano, um(a) bezerro(a) a cada cinco que nascem.

Durante décadas, meus pais e seus filhos moraram em fazendas distantes da zona urbana. O percurso até a cidade era possível somente a cavalo ou andando, sendo que eventualmente conseguiam caronas com os fazendeiros ou visitantes vizinhos que passavam por lá. Nesse cenário, o acesso aos hospitais, quando preciso, era impossibilitado pela grande distância, e por isso o meio de cura era praticado quase que exclusivamente com as simpatias populares e as plantas medicinais. Na comunidade em que morávamos, minha mãe, vinda de uma família tradicionalmente católica e devota de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira da cidade de Arraias, sempre teve a sua fé como grande contribuição para a cura daqueles que adoeciam na família.

No cotidiano familiar, os meus irmãos, desde a infância, ajudavam o meu pai na realização do trabalho braçal e no cuidado diário com o gado, enquanto que minhas irmãs dedicavam-se às atividades domésticas e ao cuidado com os irmãos e irmãs mais novas no tempo em que minha mãe se punha a ajudar o meu pai no trabalho com as plantações, seja vigiando para os pássaros não comerem, seja levando alimentação ou na capina da roça. Nesta condição, de luta diária pela sobrevivência da família, a infância cedeu lugar ao trabalho e ao

---

<sup>4</sup> Segundo o Ministério da Saúde: “O tétano Neonatal (TNN), também conhecido como “mal de sete dias”, é uma doença infecciosa aguda, grave, não contagiosa, que acomete o recém-nascido nos primeiros 28 dias de vida, tendo como manifestação clínica inicial a dificuldade para mamar, irritabilidade e choro constante”. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/t/tetano-neonatal/publicacoes/informe-epidemiologico-tetano-neonatal-2007-2017>. Acesso em: 28 jan. 2025.

amadurecimento precoce. Ainda que esta não fosse uma vontade dos pais, tratava-se de uma necessidade de toda família em contribuir com o sustento, uma prática comum e precisa da época e da atual conjuntura que vivenciavam.

A realidade dos meus pais, quando crianças, não foi diferente da que teve meus irmãos mais velhos. Possivelmente, foi ainda mais amarga e dolorosa, quando considerada a dor que causa o abandono, pois meu pai fora abandonado pelos meus avós, assim como seu outro irmão. De frente com essa circunstância, sua escolha não seria outra senão trabalhar para as famílias de classe média ou rica da cidade em troca de moradia e comida. Em virtude dessa circunstância, ele trabalhou, por anos, em condições análogas à escravidão. Por exemplo, quando necessitava de roupas e outros itens básicos, era necessário realizar trabalhos externos e extra turno, já que a família com a qual morava e trabalhava diariamente oferecia tão somente o alimento e o repouso.

A infância de minha mãe também não foi muito distante desse cenário até o seu casamento. Filha de um casal negro, pobre, e com cinco filhos, ela precisou sair de casa logo cedo para trabalhar nas casas dos senhores da cidade. Também criada por uma família burguesa e com grande influência política e econômica local, viveu durante toda sua infância em condições precárias e de exploração infantil, desempenhando o trabalho em troca de comida, moradia e vestimentas velhas, que já tinham sido descartadas pelos seus usuários originais. No tocante à remuneração pela sua força de trabalho, só veio a receber algum salário já na fase adulta, quando decidiu deixar a família para trabalhar de diarista também em casas da elite arraiana.

Conscientes da realidade em que viveram, de constante sofrimento e exploração das suas forças de trabalho, mesmo com as dificuldades enfrentadas, decidiram criar e cuidar de seus onze filhos, fazendo uso do trabalho braçal ainda que com uma remuneração injusta para garantir o sustento de todos. Durante todos esses anos, meus pais migraram entre algumas fazendas localizadas aos arredores do município arraiano. Entre elas, aquela em que ficaram o maior período de tempo registrado foi em uma das fazendas da família com a qual a minha mãe passou toda a infância. Ali permaneceram dezesseis anos trabalhando de vaqueiros.

Reconhecendo nos estudos a chance de um futuro mais digno e justo do que tiveram para seus filhos, meus pais nos proporcionaram, ainda que em meio às dificuldades e às baixas condições econômicas, oportunidades para todos nós estudássemos, sempre alertando-nos acerca das injustiças e dos sofrimentos que cercam a vida, principalmente daqueles que foram

afugentados ou abundaram os estudos. Em suas falas, a todo instante, deixavam evidente o seu sofrimento e a vida amarga que eles tiveram por não terem tido melhores oportunidades e, por isso, serem submetidos aos desmandos de outrem.

No tocante ao processo formativo dos meus irmãos, que foram inseridos na escola em um contexto histórico marcado pela supremacia da elite burguesa frente à sociedade, muitas são as marcas que caracterizam uma Educação Básica excludente, como: salas multisseriadas, professores sem formação, aprovação e reprovação indevidas, dificuldade de acesso às escolas, ausência de empatia ou compreensão para com as subjetividades, as dificuldades e as limitações dos educandos, entre outros fatores. Estas problemáticas foram decisivas para a evasão escolar dos meus irmãos, os quais, em sua maioria, não concluíram nem ao menos o Ensino Fundamental. Com isso, eles preferiram migrar para os grandes centros ainda na juventude, em busca de emprego e melhores condições de vida.

Com o passar de décadas, meus pais conseguiram a aquisição de uma moradia na cidade de Arraias. Esse feito foi o que me permitiu, enquanto uma das filhas mais novas, pudesse avançar nos estudos. Aos sete anos de idade me mudei para morar com as minhas irmãs que lá estavam para estudar. Ingressei na primeira série do Ensino Fundamental regular na Escola Estadual Silva Dourado, onde permaneci até a quinta série.

A minha primeira fase do Ensino Fundamental, com ênfase aos dois primeiros anos, foi marcada por dificuldades de aprendizado significativas, considerando que aquele se tratava do meu primeiro contato com ambiente escolar e tudo o que compreendia tal espaço. Foram anos seguidos de reforço, o que contribuiu notadamente para a minha formação, em um esforço que nunca cedeu lugar à reprovação.

Naquele período, pude conhecer duas concepções antagônicas de educação, sobre as quais, somente mais tarde, já no Ensino Superior, pude refletir. A minha primeira professora era uma profissional que não demonstrava, em sua prática pedagógica, qualquer amorosidade pela atividade docente. Mais que isso, ela negava a presença da subjetividade e a individualidade nos educandos, ao passo que reforçava a competição e a comparação entre os estudantes. Sua prática docente privilegiava a memorização em detrimento do aprendizado.

No entanto, a partir do ingresso no quinto ano, na mesma escola, eu pude conhecer uma profissional que marcou positivamente o meu processo formativo: uma professora que, ao contrário da visão apresentada anteriormente, compreendia as singularidades e multiplicidades que abarcavam o espaço escolar. Esta docente desenvolvia uma prática pedagógica humanitária,

dotada pela valorização dos conhecimentos prévios com os quais as crianças chegam à escola. Além disso, ela se mostrava, a todo tempo, preocupada e disposta em contribuir com a educação integral de cada sujeito, e foi com ela que aprendi a sonhar em ser também uma professora.

Para além da Escola Estadual Silva Dourado, também estudei na Escola Estadual Brigadeiro Felipe e na Escola Estadual Joana Batista Cordeiro, nas quais, assim como no início do meu processo escolar, sempre busquei desenvolver uma participação ativa e o alcance de bons resultados. Isso porque eu tinha, desde criança, uma clareza acerca das falas dos meus pais no que compreendia a importância da educação na vida do sujeito, o que se fez válida de forma constante em todo o meu processo formativo.

Entre as vivências que marcaram a minha formação básica, coloco em evidência as insuficiências percebidas no processo de ensino e aprendizagem da Educação Matemática. Esta sempre esteve centrada na memorização da tabuada e de conceitos tecnicistas – o que em nada contribuiu ou reflete a realidade do educando. Dessa forma, os conteúdos matemáticos estiveram, para os estudantes, mais uma mera exigência do currículo a ser cumprida com pouca ou nenhuma interferência e aplicação na realidade do sujeito. Isso fez com que fossem enxergados com desinteresse e relutância, impactando, inclusive, negativamente em minha aprendizagem.

Os distanciamentos por vezes percebidos entre educador e educando (em que não raro o primeiro se coloca em lugar de superioridade e se intitula detentor do conhecimento) também se fez uma realidade bem acentuada durante minha formação básica. Era muito comum que os docentes nos colocassem em lugares de impotência e ignorância enquanto se autolegitimavam como sujeitos donos da verdade. Essas práticas eram feitas ora abertamente, ora entrelinhas, mas o fato é que sempre despertavam em nós, educandos, o medo da repreensão.

Contudo, em meio às contrariedades e deficiências que compreenderam a minha formação – e certamente de tantas outras pessoas – devo pontuar aqui também as contribuições das escolas e de bons professores, que proporcionaram marcas irrefutáveis em minha educação. As contribuições existiram e foram muitas, o que pode ser validado pela minha aprovação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no ano de 2017, tão logo após a conclusão do Ensino Médio.

Meu ingresso no curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal do Tocantins – *campus* de Arraias, aconteceu no ano de 2018, sendo esta a única opção de curso e localidade para a qual fiz inscrição à época. Ainda que eu visse colegas de turma e amigas



escolhendo uma segunda possibilidade de formação em outros municípios e estados, eu me negava a seguir pelo mesmo caminho. Desde criança, ingressar no Ensino Superior, no curso de Pedagogia não era somente o meu maior sonho, mas, também, dos meus pais. Embora os cursos de Gastronomia e Moda também me despertassem interesse, naquele momento eu não os enxergavam como possibilidade, em razão de que isso me levaria a mudar para outras localidades, distantes de Arraias.

A promessa de uma vida mais tranquila e com menos dificuldades financeiras me empolgava. Essa busca já estava impressa em minha trajetória desde muito cedo, quando eu observava todos os meus irmãos saírem de casa em busca de um futuro melhor. Meus irmãos asseguravam para os nossos pais que dariam continuidade aos estudos, mas essas promessas nunca foram cumpridas dadas as particularidades que compreendem a vida do trabalhador nos grandes centros. Alinhar trabalho e estudos sempre foi uma dificuldade muito grande para quem sobrevive em trabalhos mais humildes, com baixos salários, na base da sociedade.

O meu acesso à Educação Superior em uma universidade federal se constituiu como consolidação de uma utopia desacreditada, por vezes, até mesmo por mim mesma, especialmente quando penso no contexto social em que eu e minha família estivemos historicamente imersos. A permanência na universidade só se fez possível pelo apoio dos meus pais. Outrossim, os apontamentos acerca da importância da educação para os sujeitos, feitos de maneira contínua no processo de ensino e aprendizagem pelos professores formadores da universidade, bem como a participação em programas de bolsas, tais como Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e a Residência Pedagógica, nos quais fui partícipe durante todos os anos, enquanto universitária, foram de extrema importância para que eu desse continuidade aos estudos.

Para além dos programas e projetos de iniciação à docência, os quais se efetivaram na inserção em escolas e creches na cidade de Arraias, devo destacar a minha participação no projeto de extensão “Educação Popular e Inclusão Social”, uma prática extensionista proposta pelo professor Doutor Erasmo Baltazar Valadão, profissional que compõe o colegiado do curso de Pedagogia, no *campus* de Arraias. Este projeto reforça a importância do tripé pesquisa, ensino e extensão na universidade, e se faz uma ação comprometida em oportunizar aqueles que vivem à margem da sociedade arraiana, ofertando uma nova chance de serem alfabetizados e emancipados. A iniciativa também possibilita a esses sujeitos a inserção na universidade, onde

se dá a realização do projeto – espaço este que, na consciência fragilizada e embrutecida dessa parcela da população, jamais poderia usufruir.

A minha participação no projeto se constituiu, para os meus pais, uma possibilidade de serem alfabetizados, bem como para o meu irmão que, por possuir retardo mental, abandonou os estudos logo nos primeiros anos – o que mais uma vez reforça o caráter excludente da Educação Básica em Arraias-TO e em todo o Brasil, que precisa adentrar mais profundamente também nas questões sobre Educação Inclusiva.

Para os meus pais, essa oportunidade os fez perceberem como sujeitos com potencialidade de novos aprendizados. Reconhecerem si próprios como inteligentes e indivíduos dotados de saberes, e igualmente capazes de absorverem novos conhecimentos, após o ingresso no projeto, mostra a capacidade que a educação tem de transformar as realidades. Esse fato também reforça o papel da Universidade como disseminadora do conhecimento e especial colaboradora na emancipação dos diversos sujeitos.

No primeiro semestre do ano de 2022 concluí o meu curso de licenciatura em Pedagogia, e, no mesmo ano, me mudei para Goiânia-GO, em busca de oportunidade de emprego, onde resido atualmente. Ainda que eu não tenha permanecido no município de Arraias, onde nasci e morei até os meus vinte e dois anos de idade, reconheço a importância sócio-histórica e cultural do local, pois seu contexto marca minha constituição enquanto sujeito afrodescendente e arraiana.

## **O PROCESSO EMANCIPATÓRIO POR MEIO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Pensar o papel e a importância de uma universidade federal na vida daqueles que vivem imersos em uma realidade marcada por desemprego, pobreza, analfabetismo, escravidão e demais relações de poder semelhantes torna-se indispensável quando a Educação Superior está comprometida com a formação crítica, uma vez que esta instituição tem o poder de potencializar o sujeito na busca pela compreensão do mundo e suas contradições, assim colaborando para a transformação da sociedade.

Nesta perspectiva, a universidade se constitui uma ferramenta capaz de promover transformações qualitativas, não somente na vida daqueles que nela estudam, como também dos indivíduos que vivem nos seus arredores. Contudo, isso só é possível quando o sujeito está comprometido em contribuir com a emancipação social da comunidade em que está inserido, olhando não somente para suas necessidades de crescimento e emancipação individual, mas



estando disposto a compreender e contribuir socialmente com o rompimento e a superação das relações de poder em que os trabalhadores historicamente estão inseridos.

Diante da realidade em que vive parcela da sociedade arraiana, marcada pelas amarras do contexto sócio-histórico em que nasceu a cidade, caracterizado por fortes relações hierárquicas e por pobreza, a presença de uma universidade federal nesta localidade se tornou um marco imprescindível para a comunidade local, especialmente quando são considerados os índices de analfabetismo na comunidade. Neste contexto a Universidade Federal do Tocantins (UFT) representa, para a classe trabalhadora e seus filhos, uma oportunidade de superação e transformação social por meio da educação, já que puderam sonhar com um futuro diferente para os jovens da região. É nesta conjuntura que o ingresso na Educação Superior se constitui para a população pobre uma alavanca para os que vivem à margem da sociedade burguesa e elitista.

Na região pouco tem avançado em organização social, capaz de mobilizar a população a vencer as dificuldades históricas de exclusão, empobrecimento, desemprego e subemprego constatado nessa região, perspectiva que atingem a maior parte da população afrodescendente. Nesse sentido, perceber na universidade um espaço de inclusão social poderá ser um bom sinal para mobilizar as ações dos sujeitos rumo a inserir a universidade na vida e nos problemas vivenciados pela comunidade, a fim de buscar meios e ferramentas de superação (Valadão; Cerqueira, 2018, p. 119).

O contexto local condena a população afrodescendente a uma realidade de desfavorecimento e atraso frente à elite e aos coronéis que gerem a hierarquia e impõem suas influências há décadas na cidade. Nessa seara, a UFT se coloca em oposição a esse cenário e às perspectivas conjecturadas para a população pobre arraiana, a qual sempre teve como destino a mão de obra barata e trabalhos desvalorizados – situações que historicamente tornaram impensável o ingresso em uma universidade federal de uma jovem negra, filha de trabalhadores rurais analfabetos, que dedicaram as suas vidas a zelar fazendas da elite local como único meio de sobrevivência próprio e dos seus filhos.

Em face desse panorama, a minha inserção em uma universidade federal, bem como a de tantos outros jovens que vivem uma realidade congênere, traz a esperança de abandono à pobreza extrema e de alcance a melhores condições de vida, como é popularmente dito entre as classes populares. Para as famílias e/ou comunidades, é motivo de orgulho e superação. Para a sociedade, é possibilidade de transformação.

Nesse sentido, é importante observar que o acesso, a permanência e a conclusão da Educação Superior vão além da formação profissional do sujeito: a universidade deve visar a formação integral do cidadão preparando-o para o mundo do trabalho, mas também dotando-o de formação crítica, participação e desejo de transformações sociais qualitativas e conhecimento do contexto sócio histórico. Tudo isso é o que de fato promove a emancipação dos sujeitos.

A esse respeito, Valadão e Cerqueira afirmam o seguinte:

(...) por meio da capacidade de aprender, o sujeito transforma-se e transforma o meio onde se encontra. Temos então que manifestar a universidade como espaço de aprendizagem aumenta muito a responsabilidade que essa instituição tem e poderá ter na vida dessa comunidade rica em tantas formas de saberes e com predisposição em apreender outras formas de entender a si mesmo e ao mundo, por meio da apropriação do conhecimento acumulado pela humanidade (Valadão; Cerqueira, 2018, p. 118).

Em acordo com os autores, com as vivências possibilitadas por meio da universidade, com a aproximação com a comunidade local e, por conseguinte, com maior compreensão dos aspectos sócio-históricos, desta entendemos a educação aqui como o amálgama que liga saberes não formais e formais, história, cultura e sociedade. Por isso, é preciso, cada vez mais, levar o conhecimento para além dos muros que cercam os espaços formais de educação. A UFT cumpre bem esse propósito porque se faz presente na vida da comunidade local, ao mesmo tempo abraça os sujeitos que sempre foram afastados dos espaços de construção do conhecimento e desenvolvimento de habilidades e tecnologias.

Nesse sentido, observo que, mesmo em face da minha naturalidade, qual seja, a de arraiana, uma vez que desde o meu nascimento até os meus 22 anos de idade cresci e vivi no município de Arraias, até o ingresso na universidade não havia propriamente um sentimento de pertencimento e envolvimento com o local. Acredito que isso tenha se dado devido às relações de poder que sempre nos cercaram, submetendo-nos a condições de vida e de experiência em sociedade que pouco ou nada nos permitiam vivências dignas. A opressão, a pobreza, a violência e a falta de educação nos tornam alheios de nós mesmos.

Assim, a formação humanitária que recebi na UFT contribuiu significativamente com a minha visão de mundo frente à minha comunidade e, por isso, posso dizer que ela foi, de fato, a minha primeira vivência de pertencimento.

No tocante ao conhecimento e à valorização das riquezas culturais locais, a UFT se faz instrumento dinamizador, embora as iniciativas nesse âmbito ainda não sejam suficientes para

a transformação local – até porque é preciso um trabalho conjunto com as esferas do poder público municipal, estadual e federal pra isso. É preciso aqui pontuar que a universidade não deve ser a única responsável pelas mudanças sociais que desejamos.

Todavia, não raro as tradições e riquezas culturais, adquiridas há séculos, se tornaram esquecidas e por vezes abandonadas pela juventude. A esse respeito, a universidade, por meio de suas práticas e projetos, tem resgatado a importância e a beleza de manter vivas as tradições e as culturas das comunidades. Enquanto jovem que cresceu em meio a essas riquezas do sudeste tocaninense e nordeste goiano, reconheço essa ação, em especial porque ela muito influenciou o meu reconhecimento e valorização da cultura local.

Acerca desta realidade, Valadão e Cerqueira apontam que:

(...) uma comunidade que descende de grupos tradicionais, ricos em saberes e que não são valorizados no cotidiano, inclusive pelos próprios moradores e descendentes. Tem sido comum presenciar por parte de muitos estudantes a descoberta da riqueza da tradição e a cultura das comunidades de onde descendem. Assim, o que era vergonha passa a ser combustível para perceber as contradições ali presentes (Valadão; Cerqueira, 2018, p. 143).

As crenças em torno da cultura e das práticas da elite burguesa foram historicamente construídas como as únicas aceitas e apropriadas para serem difundidas. Elas ainda persistem consolidadas entre as massas, influenciando uma educação elitista que determina a sobreposição da cultura burguesa em relação à diversidade cultural. Nesses casos, toda diversidade tende a ser tomada como ruim; tende a ser desprezada e rechaçada. Essa alienação fundamenta a falta de conhecimento e/ou descasos percebidos na sociedade. É justamente ela que a universidade tem buscado combater.

A oportunidade de cursar a Educação Superior, que historicamente esteve restrito aos filhos da elite, se apresentava um sonho utópico e longínquo para milhões de pessoas em todo o país. Porém, nas duas últimas décadas, nos governos populares de Lula e Dilma houve a ampliação das universidades e dos institutos federais em todo o país, diversas regiões brasileiras, antes abandonadas e sem esperança, passaram por uma importante transformação. O acesso e a permanência na Educação Superior, antes impedidos pela necessidade de ingresso no mercado de trabalho, o qual mantinha viva a prática de abandono dos estudos tão logo se alcançasse idade suficiente, agora dão lugar a oportunidades locais mais tangíveis. Muitos jovens não mais precisam migrar para os grandes centros urbanos, onde somente poderiam ter alguma chance de avançar nos estudos ou de encontrarem emprego e melhores condições de

vida. Agora podem ter alguma visão de crescimento pessoal e profissional no local onde nasceram. Também podem vislumbrar mudanças regionais importantes, que tendem a crescer e a se consolidar cada vez com a UFT.

Vale destacar, também, que além da preparação e das melhores oportunidades de ingresso no mundo do trabalho na região, a UFT possibilitou uma formação política e social local que é capaz de oferecer contribuições significativas e indispensáveis para uma práxis cidadã que seja pautada e gerida pela consciência crítica e de classe. Nesse âmbito, posso afirmar, inclusive, que foi por isso que adveio o meu empoderamento e a minha emancipação enquanto cidadã e trabalhadora. A anterior passividade e ignorância cederam lugar à criticidade, à autonomia e à tomada de consciência, princípios que hoje considero imprescindíveis para o pleno exercício da cidadania e, em especial, da docência.

Sobre o papel que a UFT representa para as comunidades locais, Moura argumenta que:

Assim, com o respaldo comunitário, resultados já visíveis dos cursos pioneiros e a implantação de outros cursos de licenciatura e pós-graduação, a Universidade Federal do Tocantins em Arraias, segue seu papel transformador, visando à emancipação já iniciada e a continuidade em formar opiniões. Além de gerar pensamento crítico, produzir conhecimento e intelectualidade, organizar e articular saberes, promover empoderamento e protagonismos dos sujeitos que aqui vivem e, desse modo, atribuir um forte significado para a população local (Moura, 2021, p. 214).

Após abordar as imensas contribuições da Universidade Federal do Tocantins para Arraias, as quais vêm transformando a vida dos seus moradores e daqueles que habitam os arredores do município, considero de grande importância destacar o papel que esta também ocupa no que concerne ao empoderamento de mulheres negras da região. Foi pela interferência positiva que a UFT representa por meio do tripé pesquisa, ensino e extensão, o qual abrange a participação ativa em projetos e movimentos, que pude reconhecer e valorizar os meus traços e as características que me definem como uma mulher negra: o que antes representava motivo de vergonha, hoje simboliza valorização pessoal e cultural. Aprendi a reconhecer a beleza e a autenticidade que existe no cabelo e na pele negra.

Acerca da valorização da identidade afrodescendente Valadão e Cerqueira descrevem um importante movimento de militância percebido na UFT – *campus* de Arraias:

A professora Maria Aparecida Matos, do colegiado de Pedagogia, é negra, militante, lutadora pela emancipação dos afrodescendentes lançados na diáspora, consequência do período triste de escravização, e tem feito um significativo trabalho no *campus* de Arraias/TO, tendo presente os valores da cultura africana e das organizações de

resistência dos afrodescendentes no Brasil e em tantos outros países nos quais ela milita. O trabalho por ela desenvolvido tem feito um diferencial na formação dos estudantes, possibilitando uma ressignificação identitária dos afrodescendentes antes invisibilizados pela cultura dominante (Valadão; Cerqueira, 2018, p. 65).

O curso de Licenciatura em Pedagogia da UFT é um exemplo de espaço que sofre com a questão do reconhecimento, assim como a identidade negra e, em especial, a identidade da mulher negra. Não raro, esse curso é rechaçado e visto, perante a hegemonia burguesa, com desprezo e desdém, pois muitos o intitulam como falta de opção. Todavia, a Licenciatura em Pedagogia se configurou em mais um objeto de transformação e superação social de jovens vindos de uma realidade parecida ou igual à minha, e que tiveram as vidas positivamente impactadas por meio da universidade federal.

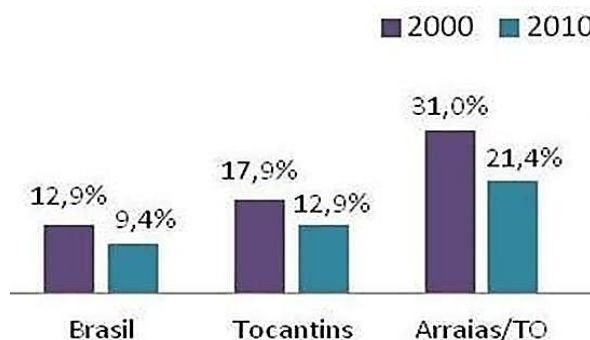
Sobre o papel e as contribuições da UFT para a comunidade, Costa (2008, p. 279) nos lembra que: “No âmbito institucional registram-se mudanças provocadas pela Universidade que a partir de 1991 tem contribuído para a educação e, para a conscientização da situação de dominação, vivida neste município”, ao passo que forma cidadãos críticos e comprometidos com a transformação da realidade e que, por meio da profissão, corroboram o despertar da consciência crítica em novos sujeitos.

## **A INSERÇÃO DA UNIVERSIDADE COMO ALAVANCA DE TRANSFORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E CULTURAL**

O contexto sócio-histórico e cultural local é um convite válido para refletirmos a relevância que a referida instituição retém sobre os seus estudantes e os moradores que habitam os seus arredores, especialmente considerando as contradições e as estruturas de poder que, seja de forma velada ou escancarada, têm se demonstrado presente na contemporaneidade.

Em meio aos problemas sociais que podem ser identificados em Arraias e região, é possível destacar o analfabetismo que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), em 2010, o município contava com 21,4% da população com 15 anos ou mais analfabeta, conforme o gráfico que segue.

**Gráfico 1** - Taxa de Analfabetismo da população com 15 anos ou mais



Fonte: IBGE/Censo Demográfico *apud* Valadão e Cerqueira (2018)

Diante de tamanha omissão das autoridades em ofertar à sociedade um direito que lhes é constitucionalmente garantido, a Universidade Federal do Tocantins, por intermédio dos seus cursos, aparece como um meio de contribuir com a redução do analfabetismo no município. Ao fazer isso, cumpre com seu papel social, fomentando maior autonomia cidadã em uma população que sofre com a ausência de garantia mínima de direitos previstos em lei.

As fortes contradições socioeconômicas e culturais que demarcam o sudeste tocaninense e o nordeste goiano levam, portanto, a pautarmos a universidade como força contra-hegemônica, determinante no processo de emancipação de um povo há muito oprimido e cujos direitos básicos lhe são negado. Como já pontuado, precisamos observar que a universidade pública e de qualidade não é a solução de todos os problemas, e que, por isso, a UFT não pode ser responsabilizada por sanar todos os problemas de Arraias-TO e região. Mas, certamente, é possível observar o quanto a instituição se constitui um diferencial no local.

Dessa forma, ocupar-se de entender o contexto sócio histórico-local exige reconhecer os desdobramentos da escravidão e, por conseguinte, do coronelismo e do patriarcalismo que se fizeram presentes durante a exploração das riquezas auríferas na região. Estas são marcas identitárias fundantes, que caracterizam a modernidade no município arraiano, onde não raro é possível perceber a naturalização das desigualdades socioeconômicas e das injustiças sociais que compõem o cotidiano arraiano: “A cidade de Arraias tem uma aparente tranquilidade, mas, quando observada com profundidade e descortinada esta ilusória aparência, é possível enxergarmos que a calma esconde conflitos ocultos e silenciados pelos moradores da cidade” (Valadão; Cerqueira, 2018, p. 74).

É verdade, também, que o município é possuidor de extensas riquezas culturais que estão expressas nas festividades, culinárias e festejos religiosos – não obstante, como determina



a historicidade, com a presença de traços culturais da cultura negra e a história das comunidades quilombolas, as quais têm sido constantemente invisibilizadas. Nesse cenário de manutenção dos padrões históricos, não se pode negar a emergência de frentes organizacionais e movimentos populares surgidos no seio da UFT, os quais buscam pela superação das condições impostas historicamente ao povo arraiano.

Por isso mesmo é preciso pensar que uma universidade inserida nesta região do país requer uma disposição de revisar os preceitos que regem a Educação Superior e a serviço de quê e de quem ela está. A universidade chegou nesta região de forma tardia, acumulando herança de expropriação e subjetivação deste período histórico, que contou com a escravidão como modo de produção econômico e espalhou as ideologias de enfraquecimento da população escravizada, justamente para manter a escravização. Sem essa consciência corre-se o risco de praticar uma educação que despotencializa a força destas populações, perdendo com isso a oportunidade de ser um instrumento de emancipação (Valadão; Cerqueira, 2018, p. 63-64).

De acordo com Costa (2008), o passar dos anos (que deveria trazer a modernização) na pacata cidade não foi o bastante para reestruturação e mudanças expressivas no que concerne ao poder local e à instauração de políticas públicas para a população. Permaneceu, ao contrário, a tradição secular de controle e dominação, cuja imposição da precariedade afetou a economia, a saúde, o trabalho e a educação.

Com 284 anos, Arraias-TO, apesar de se mostrar rica em cultura e tradição, com fiéis que se dedicam, firmemente, a presenciar os festejos dos padroeiros da cidade, São Sebastião e Nossa Senhora dos Remédios, apresenta um aspecto bastante negativo, que merece ser pontuado: a presença da igreja católica na história e cultura da região deve ser lembrada pela sua interferência na dinâmica de funcionamento da política e poder local, como nos mostra Costa:

Desde o seu nascimento o município foi controlado por políticos de linhagem tradicional, que intervinham na vida da cidade e dos seus moradores por meio de influências pessoais, do prestígio junto à igreja, troca de favores, do poder econômico e do status intelectual. Sugeriam que quem possuía “mais estudos” e “sabia mais” tudo podia, transformando autoridade em dominação. E eram, de fato, estas linhagens que possuíam o conhecimento, pois apenas elas podiam custear os estudos de seus filhos em grandes cidades como Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, a cidade de Goiás, Silvânia, Porto Nacional e, posteriormente, Goiânia (Costa, 2008, p. 76-77).

Complementarmente, Costa explica que a força da igreja “(...) possui uma importante função na organização e estrutura social, principalmente nos pequenos municípios. É referência em muitas tomadas de decisões políticas” (Costa, 2008, p. 117).

A afirmação do poder aquisitivo como determinante para acesso e continuidade aos estudos, combinado a omissão de investimentos em políticas públicas educacionais, sobretudo nas zonas rurais, esclarece a concentração de analfabetos no município. Esta negação ao direito de educação tem fomentado o êxodo rural e a migração para as capitais das populações que vislumbram condições mais igualitárias de trabalho e, por conseguinte, de vida. É por isso que devemos manter um olhar atento para esse fenômeno: embora o afastamento de parcela da população local das comunidades de origem seja carregado de sentidos e motivos obviamente compreensíveis, a imersão acrítica em culturas elitistas e hegemônicas (que, por vezes, frente aos olhares dos injustiçados aparenta atraente e agradável) pode ser mais maléfica do que benéfica, em escalas pessoais ou sociais.

Assim sendo, refletir sobre a existência e o funcionamento da UFT nesta região recai em observar as questões sócio-históricas e culturais que permeiam a região, como aponta Costa (2008), que foi e ainda é marcada pelo coronelismo e pela herança da escravidão. Arraias tende a ser tipificada como cidade para estadia passageira, seja de seus contrerrâneos, seja de moradores que aqui residem por quaisquer que sejam as razões. Neste contexto de constantes migrações, a instalação da UFT foi amplamente incompreendida e questionada por muitos. Mas essa vida deve e pode mudar.

Tal perspectiva é oriunda do esquecimento da região pelas autoridades e instituições políticas. O *campus* de Arraias, por ser um *campus* universitário mais distante geograficamente, também perde força e centralidade organizacional e política se comparado ao *campus* de Palmas. A rotatividade de professores é outro problema, que provoca a descontinuidade das pesquisas e dos projetos desenvolvidos por eles. Dessa forma, as precariedades observadas interferem na permanência de estudantes e professores na região, assim se constituindo impedimentos para o desenvolvimento local.

No que concerne à realização da extensão no município de Arraias e seus arredores, são percebidas dificuldades que se referem à localização geográfica das comunidades tradicionais e áreas rurais de difícil acesso, seja pela distância e/ou pelas condições das estradas que, em sua maioria, não são asfaltadas. Os aspectos sócio-históricos e culturais também são determinantes dos trabalhos de extensão em Arraias, tais como o individualismo apregoado historicamente, em que pouco se percebe a presença de organizações sociais. Este fator é determinante para transformações qualitativas da sociedade, considerando a

imprescindibilidade dos movimentos sociais que “(...) são fontes e agências de produção de saber” (Gohn, 2011, p. 347).

As desigualdades e as injustiças sociais, marcas contundentes da consolidação do conservadorismo e coronelismo na região, imprimiram na parcela empobrecida da população, a falta de acesso e permanência na educação. Nesse cenário, as massas populares precisaram e ainda precisam trabalhar para garantir o sustento familiar, o que contribuiu e contribui com os índices expressivos de analfabetismo. Isso piora quando pensamos sobre o modelo de sociedade vigente no município, que nada contribui com a emancipação da população. Como nos lembram Valadão e Cerqueira (2018, p. 56): “A forma como a população do campo é tratada explica o alto índice de analfabetismo no município”. Logo, a inexistência e/ou descontinuidade de práticas educativas e políticas públicas que se destinam à educação de jovens e adultos no município também ilustram esse pressuposto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ainda que não tenha ocorrido a inteira superação das mazelas que cercam o sudeste tocaninense e nordeste goiano, a chegada da UFT no município de Arraias-TO trouxe mudanças significativas na tomada de consciência e no posicionamento de estudantes e egressos frente à comunidade. Como estudante, eu pude presenciar, no convívio em ambientes internos e externos da universidade, muitas transformações positivas, comprometidas e engajadas em contribuir para a superação das desigualdades sociais e para a emancipação das comunidades locais e das massas populares.

Os projetos de extensão, por exemplo, promoveram uma boa aproximação e inserção da comunidade na universidade, tendo se mostrado, pois, um instrumento eficiente na valorização da pluralidade cultural que cerca o município. Eles ajudam a evidenciar os saberes populares como igualmente necessários ao conhecimento científico, bem como contribuem para o empoderamento feminino e a valorização dos traços afrodescendentes, no reconhecimento de si como sujeitos igualmente capazes e inteligentes, o que vai ao encontro, ainda que em passos lentos, de um reordenamento da sociedade arraiana.

Diante aos numerosos avanços e das demandas que ainda se apresentam no âmbito da universidade, as vivências experienciadas por mim e por tantos outros estudantes no Ensino Superior evidenciam o papel transformador que a educação pode vir a ocupar na vida de todos aqueles que são marginalizados e abandonados na sociedade. A educação, especialmente no caso da Universidade Federal do Tocantins, apresenta-se como um potencial instrumento de

formação profissional e humanística, bem como de superação das desigualdades socioeconômicas e de emancipação dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Magda Suely Pereira. **Poder local em Tocantins: domínio e legitimidade em Arraias**. 2008. 298 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Caxambu, v. 16, n. 47, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCkCRVp/?lang=pt#:~:text=Os%20movimentos%20sociais%20s%C3%A3o%20fontes%20e%20ag%C3%A2ncias%20de%20produ%C7%A3o%20de%20participa%C7%A3o%20na%20sociedade%20em%20geral>. Acesso em: 22 jan. 2025.

MOURA, Sílvia Adriane Tavares de. **Educação do Campo e a formação de seus educadores na universidade pública**: uma análise epistemológica dos Trabalhos de Conclusão de Curso da Licenciatura em Educação do Campo Artes Visuais e Música na UFT em Arraias- Tocantins. 2021. 374 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2021.

VALADÃO, Erasmo Baltazar; CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **A inserção da Universidade Federal do Tocantins no câmpus de Arraias/TO: conhecimento, oportunidade e inclusão social.** Curitiba: CRV, 2018. 208 p.

**Submetido em:** 10 de janeiro de 2025.

***Aprovado em:*** 15 de abril de 2025.

***Publicado em:*** 02 de maio de 2025.